

ÓRGÃO DA COMISSÃO  
EXECUTIVA NACIONAL DO PT



# BOLETIM NACIONAL

Nº 91 - Outubro/94 - R\$ 1,00



## Derrotas e vitórias

De olho no futuro, a direção nacional do PT vai debruçar sobre as campanhas dos estados em que estamos no segundo turno. Sem deixar de colocar o dedo na ferida, o DN avaliou os erros da campanha presidencial. Veja o balanço nas páginas 4 e 5.

### BANCADAS

Saiba quem são os senadores e deputados federais do PT  
Páginas 7 e 8

### ELEICÕES

Conheça o cenário dos estados em que disputamos o segundo turno  
Página 3

### ALIANÇAS

O DN aprovou parâmetros e delegou a decisão aos Diretórios Regionais  
Página 6

## Queremos o Lula-sempre

O boletim diário Lula-Já, que circulou em todo o país de 6 de junho a 7 de outubro, integrou a coordenação nacional da Frente Brasil Popular pela Cidadania com as coordenações estaduais, comitês Lula, sindicatos, organizações não-governamentais, imprensa e partidos da coligação. Enviado por sistema Data-Fax, o boletim forneceu informações sobre a campanha, o Programa de Governo, agenda do candidato, análises da política-econômica brasileira, campanha adversária etc.

Ao longo de quatro meses, o boletim publicou quatro edições extraordinárias. A conversa parabólica do ex-ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, foi divulgada em primeira mão pelo Lula-Já, no dia 2 de setembro, horas depois das denúncias terem chegado ao Comitê.

A redação elaborou duas pesquisas para saber a repercussão do boletim diário. A resposta positiva, demonstrou a necessidade de construir uma imprensa diária, não apenas para se contrapor aos monopólios dos meios de comunicação, como para divulgar à militância sobre os passos da esquerda. A seguir, publicamos trechos de respostas de assinantes do Lula-Já:

### Agência Brasil Agora

Vem aí o boletim diário do PT!

Você precisa ser assinante!

A experiência do Boletim diário da campanha Lula terá continuidade. A Secretaria de Comunicação dá esse passo visando dotar a Executiva Nacional de um instrumento de comunicação diária com as estruturas do partido em qualquer cidade do país e promover na sociedade, os diversos trabalhos setoriais que desenvolvemos.

Os interessados em assinar o boletim da Agência Brasil Agora (ainda sem nome) — que será distribuído via Data-fax — devem entrar em contato com a SNC pelo fone (011) 861.3155, ramais 230 e 231

“O Lula-Já foi o único instrumento capaz de trazer informações e análises diferentes das que a grande imprensa colocou. Serviu de munição para a militância contra-atacar.”

(Sindicato dos Bancários/MA)

“É necessário construirmos urgentemente um mecanismo de informação acessível à população.”

(Fittel/Brasília-DF)

“O Lula-Já foi essencial à campanha, para divulgação de alguns dados que a grande imprensa omite ou distorce... É uma forma extraordinária de divulgação de matérias próprias que fornecem argumentos aos militantes.”

(Marco Pneus/Sousa-PB)

“A segunda fase, de envio por fax (2 ou 3 folhas) foi melhor. Espero que continue. Vamos fazer uma oposição coerente e firme.”

(Cláudio Oliver/ São Paulo-SP)

“O fundamental é o contraponto à grande imprensa. Não dá mais só ter informações do PT, de conjuntura via *Folha de São Paulo*. É o fim da picada. Seria bom um espaço sobre nossa atuação parlamentar, projetos, embates etc. Também sobre o PT: decisões, deliberações, campanhas etc. Menos fofoca.”

(PT/Curitiba-PR)

“A credito que esse boletim se tornou extremamente necessário para nossa militância, desde que isto seja feito dentro de uma articulação com os Diretórios.”

(Donizete Nogueira-SP)

“Somos favoráveis e apoiamos qualquer iniciativa para criar uma imprensa alternativa, mas não podemos simplesmente descartar os jornais que a população lê. Devemos construir a nossa fonte de informação, ágil e democrática, para dar à militância, aos sindicatos, às empresas e a quem mais possa se interessar a possibilidade de receber uma notícia, sem que antes tenha que passar pelo crivo da censura brasileira.”

(PT/Arapoti-PR)

## EDITORIAL

### Segundo turno: cinco disputas e uma oposição

O PT começou bem sua avaliação das eleições de 1994: o DN não foi tomado pelo sectarismo de caça às bruxas, nem tampouco se deixou influenciar pelas avaliações apressadas, esquemáticas, que tentavam atribuir a uma suposta “estreiteza” nas alianças nossa derrota na disputa presidencial. Sem jogar nada para baixo do tapete e disposto a fazer um balanço criterioso, aprofundado, que projete lições para o futuro, o partido remeteu para um debate amplo - nas instâncias de base e na sociedade - as conclusões a respeito das eleições gerais de 1994.

Fatores como a força do preconceito na sociedade, ou o impacto do Real; o poderio do monopólio da comunicação; a articulação das campanhas dos governadores com a eleição presidencial; o papel das nossas prefeituras. Tudo isso requer análises detalhadas, algumas até passando pela idéia de seminários temáticos a serem organizados nos estados.

Até lá, trata-se de priorizar o segundo turno, após o que, aí sim, o balanço eleitoral será mais efetivo. Às bancadas de deputados federais, estaduais e de senadores poderão somar-se, pela primeira vez nos nossos quase 15 anos, alguns gover-

nadores de estados.

A propósito do segundo turno, aliás, o DN aprovou importante resolução, remetendo aos estados a decisão sobre as formas de participação na disputa. Além da prioridade nos estados nos quais participamos diretamente (Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Espírito Santo, Sergipe, Amapá), temos interesse em influir nos demais, com o objetivo de recolocar na cena política a luta pelas reformas estruturais.

Nossa tática eleitoral para o segundo turno visa fortalecer o campo democrático-popular e enfraquecer o projeto neo-liberal do futuro governo FHC, minando suas bases de sustentação em estados importantes. O DN finalmente, além de marcar nossa oposição ao Governo Federal, rejeita qualquer aliança com partidos de direita e antecipa que eventuais apoios a candidatos fora do campo democrático-popular não implicam participação nem compromisso com o governo eleito.

Aos que já começaram a divulgar suas avaliações pela grande imprensa, convidamos a fazê-lo também nas publicações do PT - abertas a qualquer filiado, sem discriminações.

Rui Falcão - Presidente Nacional do PT

BOLETIM NACIONAL

O Boletim Nacional é uma publicação quinzenal da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores

Rua Conselheiro Nébias, 1052 — CEP 01203-002 - São Paulo/SP — Fones (011)223.7999/7904 — Fax: (011) 222.9665

Outubro/94 Nº 91

#### Secretário de Comunicação

Markus Sokol

#### Secretário Adjunto

José Américo Dias

#### Jornalista Responsável

Marisa Lourenço MTb 18.321

#### Colaboradores

Perseu Abramo e Myrian Alves

#### Editoração Eletrônica

William Aguiar

#### Assinaturas

Ronney Lopes de Souza

#### Expedição

Davi Silva

#### Impressão

CentralPrint

# O cenário das principais disputas

O Partido dos Trabalhadores decidiu participar do segundo turno em todo País, concentrando esforços em cinco estados em que tem chances de chegar ao governo e procurando influir na decisão eleitoral dos demais estados (ver resolução do DN na página 6).

No Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, o PT participa do segundo turno com candidaturas da Frente Brasil Popular Pela Cidadania em que a figura do candidato a governador é do PT. No Amapá e no Sergipe o PT integra a Frente mas os candidatos majoritários são de outro partido. Na última reunião do Diretório Nacional realizada em São Paulo nos dias 15 e 16 de outubro, representantes desses estados relataram e discutiram a situação eleitoral para o segundo turno.

## Brasília

No Distrito Federal, Cristovam Buarque (PT), ex-reitor da Universidade de Brasília, apoiado pela Frente Brasil Popular Pela Cidadania, enfrenta Valmir Campelo, do PTB, apoiado por PMDB, PFL e PP. A candidata a vice na chapa da Frente Brasil Popular é Arlete Sampaio, do PT, médica sanitarista. Buarque e Campelo terminaram o primeiro turno, respectivamente, com 285.686 votos (37,18% dos votos válidos) e 304.654 (39,65%). Em Brasília, o PT elegeu o senador Lauro Campos, com 352.166 votos (26,31%) e Lula obteve 45% dos votos contra 39% de Cardoso. Os votos brancos e nulos, no Distrito Federal, fariam respectivamente, 9,11% e 6,88 do comparecimento às urnas.

Embora as primeiras pesquisas de intenção de voto para o segundo turno indiquem ligeira vantagem de Campelo sobre Buarque, a candidata ao governo Maria Abadia (PSDB), apoiada por PMN e PPR, e que obteve 20% dos votos no primeiro turno, já manifestou seu apoio pessoal a Buarque, o mesmo ocorrendo com outros dirigentes do PSDB e do PMN. A direção do PDT — com exceção do prof. Darcy Ribeiro — ainda não se manifestou.



Reunião do DN - 15 e 16 de outubro/94

O PT elegeu dois deputados federais e 7 distritais em Brasília.

## Rio Grande do Sul

Olívio Dutra, sindicalista e fundador do PT, apoiado no primeiro turno pela Frente (PT, PC do B, PSB, PPS, PV, PSTU e PCB), disputa o governo gaúcho com Antonio Britto, jornalista, ex-radialista, ex-ministro do governo Itamar Franco, candidato do PMDB apoiado pelo PSDB e PFL. No primeiro turno Olívio teve 1.560.992 votos (34,7) e Britto 2.211.270 (49,20); houve 14,31% de brancos e 4,70% de nulos. Lula teve 34% e Cardoso 30% dos votos válidos do Rio Grande do Sul. O PT elegeu sete deputados federais e seis estaduais.

Embora o governador gaúcho, Alceu Colares, do PDT, já tenha manifestado apoio a Britto a direção desse partido ainda não tomou posição; muitos eleitores do PDT tendem a votar em Olívio e Brizola não anunciou até o momento, sua posição. O PTB, que no Rio Grande do Sul tem características um pouco diferentes de outros estados, pode vir a apoiar Olívio. O PTB elegeu para o Senado a professora Emilia Fernandez, com 16% dos votos válidos; o outro senador eleito pelo Rio Grande do Sul é José Fogaça, do PMDB, com 22%; o candidato do PT, Raul Pont, teve 13%.

## Espírito Santo

Vitor Buaiz, médico, ex-deputado federal e ex-prefeito de Vitória, can-

60% de Cardoso.

Votos brancos e nulos no Espírito Santo foram 13% na votação para presidente, e 15% para governador (18% brancos e 7% nulos).

## Amapá e Sergipe

No Amapá enfrentam-se, no segundo turno, os candidatos João Capiberibe (PSB, PV, PCdoB, PDT e PT) com 48% dos votos no primeiro turno, e Jonas Pinheiro (PTB, PSDB, PFL, PSD) com 29% dos votos. No estado Lula teve 27% contra 59% de Cardoso. O PT elegeu um deputado estadual e não elegeu federal. Houve 9,67% de votos em branco e 2,54% nulos.

Em Sergipe, contrariando todas as pesquisas de opinião, Jackson Barreto do PDT, ex-prefeito de Aracaju, apoiado por PSB, PC do B, PP, PMN e PT, passou para o segundo turno com 282.214 votos (47,61), contra Albano Franco, (PSDB, PFL, PMDB, PPR, PRP, PPS, PL, PTB, PT do B, PSC, PSD), até então favorito, com 280.926 (47,39%). Houve 12,33% de votos brancos e 11,54% de votos nulos. No estado, Lula teve 37% dos votos, contra 47% de Cardoso e 22% de brancos e nulos. O PT elegeu um senador, José Eduardo, com 184.225 votos (21,44%); o outro senador eleito foi Lourival Batista (PFL), com 19,67% dos votos. O PT elegeu também um deputado federal e dois estaduais.

## Vamos saldar as dívidas da campanha nacional!

Banco do Brasil - agência 3323-5 conta 13000-1  
Barra Funda - São Paulo/SP

Colabore com a Campanha da Frente  
Popular (2º TURNO)

Banco do Brasil - agência 3532-7 conta 13013-3  
Av. João Pessoa - Porto Alegre/RS

Obs: os companheiros de Porto Alegre pedem que, ao preencher o  
avisa de depósito, utilizar a guia azul para colocar o nº do CPF.

Vitor Buaiz - Governador/ES

Banco do Brasil - agência 0021 conta 13001  
Vitória/ES

Cristovam Buarque - Governador/DF

Banco do Brasil - agência 3476-2 conta 333132-6  
Brasília/DF

# Como começou o balanço

Na reunião do Diretório Nacional, Marco Aurélio Garcia apresentou um texto para iniciar a discussão, do qual reproduzimos trechos. O BN ouviu, ainda, duas avaliações diferenciadas dos companheiros Jorge Almeida e Eduardo Jorge



Marco Aurélio Garcia

*"O partido explorou pouco o seu Programa de Governo".*

Os meios de comunicação, depois de fustigar o partido durante quase toda a campanha eleitoral, foram tomados de súbita ternura pelo PT. "Homenagem do vício à virtude", como qualificou recentemente um



Jorge Almeida

*"Somente uma mobilização por reformas estruturais nos levaria à vitória".*

Na medida em que as classes dominantes não vinham conseguindo responder à crise; que não tinham projeto nacional, isso abria um

articultista, o Partido dos Trabalhadores transformou-se para eles em um elemento central para a construção da democracia e da justiça social no país, enquanto que nosso até então destrutado candidato se vê catapultado à condição de "grande estadista". É claro que muito do que se diz hoje sobre o PT e sobre Lula é correto. O suspeito é que estas opiniões apareçam só agora. O mesmo raciocínio se aplica para a série de críticas que começam a aparecer ao candidato vitorioso, por suas alianças "espúrias", pelo represamento artificial da inflação até 3 de outubro etc.

Esta "reabilitação" do PT e de Lula é acompanhada de um processo paralelo de caça aos "responsáveis pela derrota". "Radicais" e "xiitas" são postos uma vez mais no pelourinho. Jornalistas e políticos anunciam, pela enésima vez, que o partido ou assume sua face "moderna", "socialdemocrata" ou sucumbirá.

Estes prognósticos comemorarão 15 anos em fevereiro próximo... É claro que os resultados de 3 de outubro, especialmente a derrota de Lula, exigem uma auto-análise profunda e, se necessário, descarnada... Comparável somente ao triunfo de

espaço e permitia que o PT ocupasse esse espaço de esperança. Isso significa que a campanha, para ser vitoriosa, tinha que, não só marcar uma boa imagem do candidato, como basicamente fortalecer um programa político. Ouseja, somente uma campanha que fosse, não apenas uma campanha eleitoral, mas uma mobilização por reformas estruturais de caráter democrático popular poderia nos levar à vitória. Entretanto isso não ocorreu. Durante a campanha nós agimos como uma força eleitoral. Enquanto que do outro lado tínhamos mais do que isso. Fernando Henrique

## Resultado das eleições presidenciais

Candidato	Votos	%	%
FHC	34.374.308	36,2	36,2
Lula	17.124.850	18,1	30,5
Outros	11.828.665	12,4	
<b>Branco e nulos</b>	14.639.459	15,5	33,3
<b>Abstenções</b>	16.811.106	17,8	
Total de eleitores	94.782.719		100

Ao contrário das manchetes dos jornais, os números não mentem. O "fenômeno" FHC, afinal, não teve muito mais que um terço dos votos. Apesar dos nossos erros, do Plano Real e da campanha anti-Lula, apesar do TSE e tudo mais, ele não teve mesmo mais que esse terço de votos. Isso porque outro terço não votou em ninguém. Tema para reflexão (Markus Sokol).

Nelson Mandela na África do Sul, a vitória do PT em outubro teria um efeito de demonstração importante não só no contexto latinoamericano como uma repercussão mundial significativa. Contrariamente a vitória de FHC foi saldada por governos e ins-

contou não só com a força eleitoral como também com todo aparato do Estado brasileiro, do poder econômico e da mídia. Não conseguimos colocar a sociedade civil democrática em movimento na defesa de nosso projeto. Deveríamos ter consciência que somente com ampla mobilização da sociedade civil, enquanto sociedade civil e não somente a militância do PT, é que teríamos condições de enfrentar o bloco que foi constituído. Ao contrário, nossa estratégia visava ganhar no primeiro turno e para que pudéssemos ampliar tínhamos que diluir nosso discurso. Ao mesmo

tempo havia a concepção de que um candidato campeão, não podia bater nos outros. Enquanto isso permitimos que FHC se consolidasse e crescesse não somente em função do Real, mas porque manteve uma imagem positiva, sem manchas. Portanto não somente o Real dava credibilidade a FHC como também a imagem positiva de Fernando Henrique dava credibilidade ao Real. E quando começou a cair, o Real puxando FHC para cima, e outros fatos importantes acontecerem, a coordenação e o partido não tinham mais condições de responder à altura.

final de um processo (faltam Uruguai, em novembro e Argentina em maio de 95) de renovação de governos no continente, no qual, pela primeira vez as esquerdas tiveram reais chances de vitória. Os resultados desfavoráveis no México, El Salvador, Colômbia, República Dominicana e Brasil, parcialmente favoráveis no Chile, Venezuela e Costa Rica e favoráveis em Honduras e Panamá, teriam de ser objeto de uma análise criteriosa por parte da renovada esquerda latinoamericana.

Na análise da vitória de FHC deve ter um especial destaque a acertada estratégia das classes dominantes, que souberam entender a evolução do processo político brasileiro desde 1989 e tiveram a capacidade de construir a mais poderosa aliança de toda a história deste país. Poucas vezes neste século, em qualquer país do mundo, foi possível reunir o poder econômico, os meios de



Eduardo Jorge

*"Faltou uma postura de compartilhar a hegemonia com outros partidos".*

Essa derrota na campanha presidencial é uma derrota gravíssima. Não concordo com a análise de

comunicação, a máquina governamental e apoios externos em função de uma candidatura, como no caso de Fernando Henrique.

A partir destes fatores o Partido imaginou que poderia entrar nos três meses finais de campanha, confrontando projetos globais para o Brasil e valendo-se da indiscutível qualidade e credibilidade de Lula e de nossa superioridade programática (FHC só lançou seu Programa em setembro).

O Programa é efetivamente centrado no problema da exclusão social. Concebe um modelo de desenvolvimento a partir do enfrentamento prioritário desta questão e não o contrário. O Programa de FHC se articula em torno da idéia de que é preciso estabilizar a economia para desenvolver o país e "pagar a dívida social". O presidente eleito pode negar mas a questão social aparece em seu discurso como objeto de "políticas compensatórias".

O próprio partido explorou pouco o Programa, como se pode ver da intervenção da maioria dos candidatos e inclusive dos programas de rádio e TV. Lamentavelmente o Programa pesou pouco na campanha.

que o PT é uma espécie de campeão moral como alguns membros do DN colocam. É grave a derrota e vai ter consequências muito duras para o povo brasileiro. E nós, do PT, somos responsáveis por isso.

Nenhuma análise conjuntural dá conta de apartar as causas de uma derrota como essa.

Eu volto ao 1º Congresso do PT, em 1992, em São Bernardo. A análise da situação do socialismo real, dos problemas do Brasil, do que representou a eleição de 89 e a possibilidade de o Lula chegar à presidência da República, le-

## Os deputados estaduais do PT

Em 1989, o PT elegeu setenta e nove. Em 1994 foram eleitos noventa e um deputados estaduais.

UF	CANDIDATOS	UF	CANDIDATOS
AC	Nilson Mourão e Ronaldo Polanco.	PB	Francisco Adelino, Luis Couto e Chico Lopes.
AL	Heloísa Helena	PE	João Paulo e Paulo Ruben Santiago.
AP	Ildo Fonseca	PI	José Ueliton Dias e Olavo Rebelo.
BA	Nelson Pelegrino, Paulo Jackson, Maria José Rocha, Frei Dilson Santiago e Guilherme Andrade.	PR	Florisvaldo Fier, Emerson Merroni, Irineu M. Colombo, Pericles D. Mello e Ângelo Vanhoni.
CE	Artur Bruno, João Alfredo e Mário Mamede.	RJ	Carlos Minc, Tania (Niteroi), Neurobis Nagai e Eloneida Studart
DF	Geraldo Magela, Lúcia Carvalho, Pedro Celso, Maninha M. José, Wasny de Roure, Marco Lima e (Cafu) Antônio Ferreira.	RN	Fátima Bezerra
ES	Cláudio Vereza, Brice Bragato, José Otávio Baioco e José Alves Netto.	RO	Daniel Pereira e Rosária Helena
GO	Valdi Camacio, José Lopes e Humberto Aidar.	RS	Pepe Vargas, Flávio Koutzi, Luiz C. Casagrande, Marcos Rolim, Luciana Genro e José Gomes
MA	Vila Nova	SC	Carlito Meir, Furlanetto, Delni Sanetta, Ideli Salvati, Vaney Varastoni.
MT	Serys Silhessarenko	SE	Ismael Silva, Renato Brandão.
MS	Eurídio Ben Hur, José Santos (Zeca) e Anilson Rodrigues (Prego)	SP	Luiz Carlos Silva, Maria Lúcia Prandi, Mariângela A. Duarte, Pedro Dalari, Roberto Gouveia, José Bacarin, Rui Falcão, Renato Simões, Djalma Bom, Elói Pieta, Hamilton Pereira, José Pivatto, Bia Pardi, Paulo Teixeira, Wagner Lino, José Zico.
MG	Geraldo Nascimento, Maria José Freire, Ivo José, Gilmar Machado, Almir Cristóvan, Marcos Helenio, Durval Ângelo e Anivaldo Coelho		
PA	José Geraldo, Luis Araujo, José Carlos, Joao Batista (Babá) e Esmerino Batista.		

vou o PT a três decisões históricas e de ruptura com a tradição da esquerda no mundo todo: 1) Nós temos que ser pela democracia e rejeitar totalmente qualquer recurso à chamada ditadura do proletariado. 2) O PT precisa ter um Programa hoje e não um Programa para daqui a cem anos. 3) Pelo caminho democrático e para governar o Brasil hoje, nós precisamos ter um arco de alianças de esquerda, centro-esquerda e centro-democrático para cumprir esse desejo do povo brasileiro que quer que o PT governe o Brasil a curto prazo.

Ora, essas grandes decisões foram abandonadas pelo partido na virada seguinte. Orientou, por exemplo, na incapacidade de o nosso Programa dar conta de ter uma postura de compartilhar a hegemonia no país com outros partidos. De traduzir o pensamento econômico em propostas concretas e imediatas, inclusive de combate à inflação. De adotar uma postura de profunda e radical reforma do Estado, necessária para, dentro do Brasil, integrar os excluídos e ao mesmo tempo, colocar o Brasil em condição de competir no mercado internacional.

## ALIANÇAS NO SEGUNDO TURNO

# DN delega decisão aos DRs

*“A prioridade é vencer nos cinco estados em que a Frente disputa o segundo turno. A escolha entre o “menos pior” e a “abstenção” em outros estados esquentou o debate no DN. Dentre as três propostas apresentadas, a direção nacional aprovou parâmetros gerais e remeteu aos DR's a decisão*

## Proposta aprovada

Apresentada por Rui Falcão, recebeu 35 votos

O PT participa do segundo turno com a disposição de vencer nos cinco estados em que disputamos diretamente (RS, DF, ES, SE, AP) e interessado em influir na decisão nos demais. Ao fazê-lo, temos por objetivo fortalecer o campo democrático-popular, qualificar amplamente nossa oposição ao governo central e ao projeto neoliberal.

A tática eleitoral para o segundo turno servirá para recolocar na cena política a luta pelas reformas estruturais, bem como buscará enfraquecer a sustentação do projeto neoliberal nos estados, gerando contradições e estabelecendo fissuras no campo adversário.

Diante da realidade política distinta dos estados e da heterogeneidade do quadro partidário, o DN delega aos DR's a decisão sobre as formas de participação no segundo turno, atendidos os seguintes critérios:

1. Nossa oposição ao governo federal;
2. Prioridade às campanhas do RS, DF, ES, SE e AP;
3. Nenhuma aliança com partidos de direita;
4. Eventuais apoios no segundo turno a candidatos fora do campo democrático popular não implicam participação ou compromissos com o futuro governo do estado.

## Proposta rejeitada

Apresentada por Eduardo Jorge, esta proposta recebeu 2 votos

No segundo turno há, obrigatoriamente, quatro opções: 1) voto nulo; 2) muro; 3) apoio A; 4) apoio B. No segundo turno o PT tem peso e responsabilidade social para se posicionar. Assim, devemos escolher entre as opções 1, 3 e 4 e rejeitar a opção 2.

Insistir na tese “farinha do mesmo saco” é simplificador e despolitizante. O PT tem obrigação de apontar para seus militantes e para o eleitorado os vários matizes das candidaturas postas, mesmo quando ambas no campo conservador, para orientar opções.

No primeiro turno, o eixo nacional deveria ser a candidatura Lula e as alianças e candidaturas locais, é claro levando em conta a história de cada estado, deveriam se subordinar a este objetivo.

No segundo turno, o eixo deve ser o “PT para o Brasil” e não “Brasil para o PT”. Isso quer dizer afastar

a imagem descritiva e negativa, e mesmo na oposição firmar uma face construtiva e responsável para com o dia a dia do povo. Assim devemos analisar estado por estado e indicar o que é melhor ou menos ruim para o povo de cada estado. O DN deve tomar hoje as seguintes resoluções:

1. Nossos candidatos devem consolidar alianças de esquerda; centro-esquerda; centro democrático e na questão do eleitorado conservador fazer um diálogo direto, ao largo dos partidos conservadores;
2. Orientar os DRs a escolher entre as opções: 1. Voto Nulo; 3. Apoio A; 4. Apoio B e evitar a opção 2 Muro.

O Diretório Nacional deve, 3. Respeitando a autonomia regional, emitir opinião sobre alguns estados chaves, no caso: RJ/MG/SP/BA/PA.



Reunião do DN - 15 e 16 de outubro/94

Foto: William Aguiar

## Proposta rejeitada

Apresentada por Jorge Almeida, Arlete Sampaio, Raul Pont e Ronald Rocha, recebeu 17 votos

Na eleição de 94 constitui-se um combate de projetos antagônicos sobre o modo de inserção no Brasil no mercado mundial e sobre os fatores de poder entre as classes sociais. A grande burguesia venceu este combate, ainda que esta vitória não tenha anulado o pólo popular e democrático nacional. Esta disputa prosseguirá em todas as esferas.

Para definir as orientações políticas para o segundo turno nos estados é necessário reafirmar que o bloco vitorioso na eleição presidencial, concretizado na aliança PTB/PFL/PSDB, alavanca o seguimento do projeto imperialista de modernização excludente. A implementação desse projeto tenderá a ampliar a precarização das relações de trabalho e os contingentes excluídos da cidadania. Isto desorganiza e fragmenta as organizações populares e amplia a exposição e a sensibilidade de importantes setores consumidores um sentimento conservador e o preconceito social. Esta tendência exige da esquerda

uma política que priorize a conquista de espaços para demonstrar à sociedade que é possível um caminho alternativo para o desenvolvimento social do país. Isto passa por ampliar apoios e concentrar recursos para a conquista dos governos do RS, DF, ES, SE, AP desenvolvendo todos os movimentos capazes de assegurar tais vitórias. O que significa, simultaneamente, aprofundar nosso perfil transformador e transparente, recusando tráfico de cargos por votos, mas atraindo apoios de outras hostes.

Em qualquer situação, seja onde estamos o segundo turno, seja onde iremos apoiar outra candidatura, seja onde não apoiaremos ninguém, o PT precisará enfrentar um mesmo desafio de fundo: desenvolver a capacidade de apresentar à cidadania uma imagem acessível sobre as transformações que defendemos e de evidenciar as contradições entre o discurso e a prática de nossos adversários.

## Os novos senadores do PT

O Partido dos Trabalhadores quadruplicou sua bancada no Senado. De um senador eleito em 1989, Eduardo Suplicy (SP), tomam posse no dia 1º de janeiro de 95, os senadores José Eduardo (SE), Marina Silva (AC) e Benedita Silva (RJ).



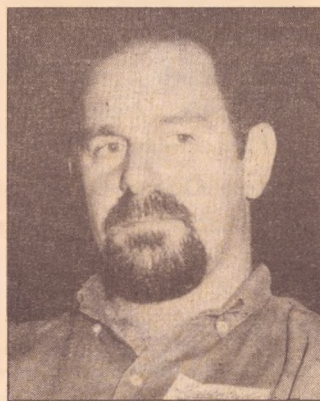
**Benedita Silva (Bené)**, 54 anos, é assistente social. Eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro em (85-87), Bené foi deputada federal constituinte (87-91) e reeleita para a Câmara (91-95). Com dois milhões de votos, a primeira mulher negra a ser eleita para o Senado foi menina de rua, empregada doméstica e trabalhou na Pastoral das Favelas. Uma das fundadoras do PT, Bené disputou em 1992 a prefeitura do Rio, quando recebeu 1,3 milhão de votos.



**Lauro Campos** é advogado e professor de Economia na Universidade Federal de Goiás e, desde 1965, na Universidade de Brasília. Campos tem 65 anos e ingressou no PT em 1982. Por duas vezes (86 e 90) foi o segundo candidato ao Senado mais votado no Distrito Federal. Em 86 não assumiu por causa da legenda e em 90, havia apenas uma vaga por estado.



**Maria Osmarina Silva (Marina)** tem 35 anos e, como Benedita da Silva, participou de comunidades de base em seu estado. Cabocla, Marina foi empregada doméstica e vereadora na capital, Rio Branco. Formada em História, Marina é a primeira mulher a ser eleita senadora pelo Acre, com 64.436 votos.



**José Eduardo**, 37 anos, é geólogo e foi um dos fundadores do Sindicato dos Mineiros de Sergipe (85) e seu presidente no período de 89 a 93. Foi membro da direção da CUT e candidato ao governo do estado em 1990, ganhando as eleições na capital, Aracaju. Funcionário da Cia. Vale do Rio Doce, é presidente do PT/SE.

## A Campanha no Exterior



Foto: João Carlos Volóio

Suplicy na comemoração da Festa da Independência, em New York - Set/94

Devemos destacar, nesta campanha, o empenho da militância petista que, organizada em Núcleos e/ou Comitês, contribuiu na divulgação da proposta do Partido dos Trabalhadores e organizou a participação dos brasileiros petistas residentes no exterior.

Em várias cidades européias, como Paris, Berlim, Londres e Barcelona, Lula ganhou a eleição. O importante, porém, é a demonstração de cidadania de centenas de brasileiros que, mesmo longe do País, fazem questão de manter a identidade petista e continuar a militância. Os nossos fiscais, devidamente autorizados pelo partido, estiveram presentes em todos os Consulados e/ou Embaixadas das cidades onde o PT tem Núcleo organizado.

Festas, feijoadas, debates, exposições, instalação de barracas para divulgação e venda de material de campanha e outras manifestações preencheram a agenda dos Núcleos e Comitês. Em algumas oportunidades eles contaram com a participação de companheiros que viajaram desde o Brasil, como foi o caso da ida de Benedita da Silva à Barcelona, para participar das Jornadas “Meninos e Meninas de Rua”, organizadas pela entidade “Infância Viva” de Barcelona e da “Noite de Solidaridad”, organizada pelo Núcleo do PT em Barcelona.

Eduardo Suplicy viajou a Nova York onde o Comitê “Friends of Lula USA” (Amigos de Lula) organizou diversas atividades junto à Lucélia Santos e Antonio Grassi na Semana da Independência.

A tarefa dos militantes no exterior não se limita à campanhas em tempo de eleição; eles desenvolvem um trabalho permanente de divulgação do Partido assim como ajudam nas relações do PT com os Partidos e Movimentos do país de residência. A Secretaria de Relações Internacionais, que coordena os Núcleos PT no Exterior, agradece a todos os companheiros a dedicação e firmeza que demonstraram ao longo desta campanha.

Uma nova etapa se abre depois desta intensa participação no processo eleitoral. Não há espaço para o desânimo já que as tarefas continuam, ainda que não ligadas a um objetivo imediato.

É importante manter as pessoas reunidas e vinculadas à Secretaria de Relações Internacionais para, periodicamente, enviar informes sobre a conjuntura política do país correspondente, assim como para ajudar a difundir o Partido dos Trabalhadores internacionalmente. Esta nova etapa deve ser rica em propostas e sugestões que permitam a elaboração de uma pauta de debates para orientar nossa prática daqui em diante.

# Quem são nossos Deputados Federais

**BA Alcides Modesto**, liderança sindical de trabalhadores rurais (segundo mandato).

**Jaques Wagner**, sindicalista da área petroquímica. É membro do DN (segundo mandato).

**CE José Pimentel**, bancário sindicalista, foi presidente da CUT-CE e é pres. do DM de Fortaleza.

**DF Chico Vigilante**, dirigente nacional da CUT — 88-90 (segundo mandato).

**Maria Laura**, servidora pública federal, foi da direção nacional da CUT e presidente do SINDSEP - DF (segundo mandato).

**ES João Carlos Coser** foi deputado estadual e candidato à prefeitura de Vitória em 92. Presidiu o Sind. dos Comerciantes de Vitória.

**GO Pedro Wilson**, Vereador, foi reitor da PUC e candidato a prefeitura de Goiânia.

**MA Domingos Dutra** é advogado ligado à CPT. Deputado estadual, é pres. do PT-MA.

**MT Gilney Amorim** é médico. Membro do DN, exercerá seu primeiro mandato.

**MG Chico Ferramenta**, líder sindical metalúrgico, foi prefeito de Ipatinga (88-92). É pres. do PT/MG.

**João Fassarella**, é vereador em Governador Valadares.

**Nilmário Miranda** é jornalista. Foi deputado estadual constituinte — 87-91 (segundo mandato).

**Paulo Delgado** é professor e cientista político. Foi deputado federal

constituente e reeleito para o terceiro mandato consecutivo.

**Sandra Starling**, advogada. Foi fundadora do SINDPETRO-MG (segundo mandato).

**Tilden Santiago**, ex-pai, presidiu o sindicato dos jornalistas de Minas (segundo mandato).

**PA Ana Julia** é líder sindical bancária. Foi vereadora em Belém.

**Paulo Rocha** é sindicalista gráfico. Foi presidente da CUT-PA (segundo mandato).

**PE Fernando Ferro**, vereador, foi presidente do PT/PE. Militou no sindicato dos Urbanitários.

**Humberto Costa**, deputado estadual, elege-se pela primeira vez à Câmara.

**PR Nedson Micheletti**, da pastoral operária, foi presidente da COHAB de Londrina.

**Paulo Bernardo** foi diretor da Federação dos Bancários do Paraná (segundo mandato).

**Roque Zimmerman** é pai e atua na área do movimento dos sem terra do PR.

**RJ Carlos Santana**, liderança sindical dos ferroviários (segundo mandato).

**Maria da Conceição Tavares** é economista, professora da UNICAMP e da UFRJ.

**Milton Temmer** é jornalista. Foi deputado estadual.

**RS Adão Preto**, fundador do Movimento dos Sem Terra no RS, foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguaí (segundo mandato).

**Esther Grossi** foi Secre-

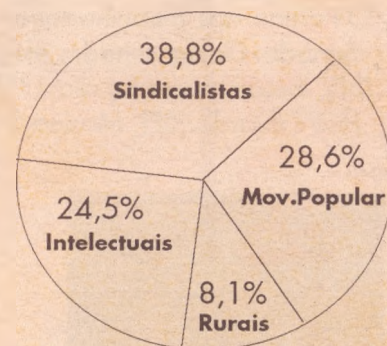
Sindicalistas Urbanos - 19

Mov. Popular e

Direitos Humanos - 14

Sind. Rurais e MST - 4

Intelectuais e Quadros - 12



tária da Educação (gestão Olívio Dutra).

**José Fortunatti** foi presidente do sindicato dos bancários e vice presidente nacional da CUT (segundo mandato).

**Luis Mainardi** é juiz e foi candidato à prefeitura de Bagé.

**Miguel Rosseto** foi presidente do sindicato dos petroquímicos de Porto Alegre.

**Waldomiro Fioravante**, advogado, foi vereador e candidato à prefeitura de Erechim.

**Paulo Paim** foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas (terceiro mandato).

**SC José Fritsch**, ligado à luta dos trabalhadores sem terra, é presidente do PT/SC.

**Milton Oliveira**, advogado trabalhista, foi vereador pelo PMDB, presidente do PT/SC e deputado estadual.

**SE Marcelo Deda**, advogado, foi da Executiva Nacional do PT e deputado estadual (86-90).

**SP Arlindo Chinaglia** foi presidente do sindicato dos médicos e é presidente do DR/SP.

**Celso Daniel**, Engenheiro, foi prefeito de Santo André.

**Eduardo Jorge** é médico sanitário (terceiro mandato).

**Eustáquio Zica**, líder sindical dos petroleiros e vereador em Campinas.

**Hélio Bicudo** é advogado, Promotor Público e Procurador da Justiça (segundo mandato).

**Ivan Valente**, professor e deputado estadual.

**Jair Menegheli**, metalúrgico, foi presidente nacional da CUT por dez anos.

**João Paulo Cunha**, metalúrgico, foi candidato à prefeitura de Osasco e deputado estadual.

**José Augusto** é médico. Foi secretário de Saúde e Prefeito de Diadema.

**José Genoio** é professor. Eleito para o quarto mandato.

**José Machado**, economista, foi deputado estadual e prefeito de Piracicaba.

**Luis Gushiken** presidiu o sindicato dos bancários e foi presidente nacional do PT (terceiro mandato).

**Marta Suplicy** é sexóloga.

**Telma de Souza**, professora, foi deputada estadual e prefeita de Santos.